

A CIDADE QUE SE CONTA: NARRATIVAS E RITUAIS DE APRESENTAÇÃO EM LYON

Irlyns Alencar Firmo Barreira¹

A criativa obra de Ítalo Calvino, denominada *Cidades invisíveis*, apresenta relatos de viagem feitos pelo viajante veneziano Marco Pólo ao imperador dos tártaros. Nesse livro, o personagem expõe narrativas imaginárias contendo situações evocadoras das inúmeras formas de se perceber e falar da cidade. Ressalta-se, nessas explicações, a linha tênue que se interpõe entre imaginação e realidade – as cidades seriam, na visão do personagem – narrador, *pontes para os sonhos*.

Tomar as reflexões de Calvino como metáforas para se pensar sociologicamente sobre as formas narrativas de apresentação da cidade parece um caminho interessante. É possível assim considerar que as narrativas referentes à urbe expressam modos de percepção e exposição de imagens construídas para aqueles que desejam conhecer a cidade. Fazem parte daquilo que designamos por realidade, produzindo o efeito simbólico, de *fazer ver e fazer crer* (Bourdieu).

O modo como a cidade se mostra ou é apresentada, através de guias turísticos e rituais de visitação, instituí, na versão aqui proposta, narrativas ancoradas em representações culturais sobre o espaço urbano e sua dinâmica histórica. Cartografias, guias turísticos, relatos orais e catálogos são mapas não apenas geográficos, mas cognitivos que integram versões e representações sobre a cidade. São materiais oriundos de processos, disputas e representações que visam torná-la conhecida. Para outros, os turistas, ou para seus próprios moradores.

As narrativas da cidade aqui abordadas neste artigo² referem-se ao modo como a cidade de Lyon é apresentada para visitantes e moradores

1. Professora Titular em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.
2. A pesquisa sobre as narrativas da cidade teve como ponto inicial de indagação a maneira como eram construídas as articulações entre passado e presente através de políticas urbanas de patrimônio e criação de zonas de preservação histórica em Fortaleza. Posteriormente, a pesquisa ampliou-se através da observação de processos urbanos em Berlim, cidade marcada pela construção de disputas ideológicas entre memórias. Em Lyon, a questão sobre a construção da imagem da cidade ganhou novas roupagens com os processos de requalificação e consequente instituição de narrativas, tendo em vista a apresentação da cidade como expressão regional significativa do Continente Europeu. Agradeço especialmente a Denis Cercllet pela disponibilidade de tornar-me acessível arquivos importantes e amabilidade nas discussões e a Jean Baptiste Martin que intermediou meus contatos com Régis Neyret e Bruno Delas.

através de indicações contidas em guias turísticos. Incluem também as práticas de visitação e caminhadas incentivadas por profissionais do turismo e programas de políticas municipais. O pressuposto aqui enunciado é o de que “a cidade que se conta” articula-se a versões construídas, ao longo do tempo, a partir das quais se legitimam os ícones do patrimônio e da memória social.

Uma discussão sobre as narrativas como forma de apresentação da cidade pode servir de preâmbulo às reflexões que se seguem. Em primeiro lugar destaca-se a idéia de que as narrativas da cidade são plurais e correspondem a interesses diversificados no processo de construção da memória. Observa-se, por exemplo, que as explanações ligadas diretamente ao turismo, combinam-se a interesses empresariais e a objetivos provenientes das políticas de patrimônio.

A apresentação da cidade através de narrativas integra um campo de práticas efetivadas por profissionais do turismo e políticos que através de ações e definições sobre áreas de preservação, reiteram cronologias e sentidos da história urbana, conforme será abordado a seguir.

Narrativas da história – o triunfo heróico do tempo

A apresentação de cidades em guias turísticos é marcada pela linguagem hiperbólica e a forma como se narra a história de Lyon não foge a essa regra. *O mais*, *o melhor* e *o maior* traduzem a busca da impressão de marcas diferenciadoras que caracterizam as informações feitas para atrair o visitante, tal como pode ser visto nesta descrição: “Lyon grande cidade duas vezes milenar, tem um dos corredores maiores da Europa. Na confluência dos rios Rhône e Saône, Lyon encosta-se nas duas colinas de Fourvière e Croix-Rousse como um livro de história” (folheto Lyon visitas).

Destaca-se também nos guias a evocação à história como expressão de uma linha evolutiva que se desenrola no âmbito de conquistas sucessivas. A organização dos fatos e datas, feita em sentido linear, busca imprimir coerência aos acontecimentos – guerras e destruições aparecem como feitos heróicos, resistências e marcas singulares dos habitantes. Assim, são referenciados os momentos de formação da cidade de Lyon, as primeiras indústrias, com destaque para a seda, os grandes estabelecimentos e os empreendimentos culturais. O comércio da seda e as fábricas entram como plano de construção de uma espécie de *identidade cidadina* reforçada pela promoção de eventos turísticos.

A seda representa uma espécie de marca registrada da cidade, contribuindo para a consolidação de um emblema elevado à categoria de

patrimônio através do qual a capital do Rhône-Alpes afirma sua identidade. O reforço à mitologia de Lyon vai estar presente no guide bleu de George Paul Ménais: “Lyon capitale de la soierie, laboratoire des textiles: Pour l'étranger que l'on interroge chez lui à Oslo, à Rio de Janeiro, à New York ou à Londres, Lyon c'est la soierie” (Videlier, site <http://www.Millenaire>, p.7).

A mesma indicação de apresentação da cidade, através da indústria da seda, aparece em prospectos concebidos por agências publicitárias:

“A Lyon, ville de la soie depuis le 16e. siècle, l'Atelier de la soierie accueille les visiteurs pour la découverte d'un savoir-faire lyonnais” (cf. Videlier, op. cit.).

No contexto da história da região, Lyon prima também pela demonstração do espírito de combate. A *cidade vencedora* que viveu, segundo a maioria das informações apresentadas nos roteiros turísticos, processos de decadência suscitados pela dominação externa, seguidos de momentos de renascimento.

A antiguidade está presente nos materiais catalográficos e na apresentação da cidade feita para os turistas. A origem de Lyon é datada desde o século V, sob influência do cristianismo, caracterizando-se por conter em sua história uma formação diversificada que registra a ocupação romana, as invasões bárbaras, a renovação da cidade no período gótico, sob influência da igreja católica, e o renascimento. Tais circunstâncias, conforme estão anunciadas nos guias turísticos, fazem de Lyon uma cidade de comércio e empreendimentos culturais.

A *história* da cidade, materializada em espaços abertos à visitação, aponta a racionalidade da exposição descritiva, permitindo o estabelecimento de roteiros. A apresentação de Lyon como pólo de desenvolvimento comercial e industrial aparece nas descrições objetivas dos lugares de visitação feitas para os turistas.

A alusão a um referencial histórico longínquo enquadra-se também na procura de inscrição da cidade na história da França, semelhante ao que ocorre em outras localidades européias (Fortuna, 2002). A antiguidade de Lyon seria percebida como um dos espaços de ancoragem do circuito europeu, representando uma estratégia de legitimação memorial capaz de contrapor-se à força erosiva do tempo.

A narrativa através da qual a cidade se dá a conhecer distingue-se, pela padronização, da nuance personalizada do conto (Decourt, 2003). Diferencia-se também da literatura de viagens caracterizada pelo registro de vivências impressionistas dotadas de autoria (Cristóvão, 2003). Na verdade, as descrições contidas nos guias turísticos oscilam entre o incita-

mento à imaginação, o convite à descoberta e a padronização revelados na tentativa de “tudo mostrar” – cada espaço ou monumento constitui um ponto de referência acompanhado de um lugar no mapa das visitas.

A apresentação da cidade contida nos guias turísticos aparece também como complemento da visão. As fotografias têm um papel importante na descrição, elas próprias funcionando como registro narrativo de lugares valorizados pela nuance de cores e ângulos. Um jogo de luzes e sombras, com ênfase nos detalhes, presente nos registros visuais, aparece em telhados, corredores ou imagens, criando sentidos variados de antiguidade. Valorizam-se também as ruínas como emblemas autênticos do passado (Simmel, 1998).

A uniformização dos guias, traduzidos em diferentes línguas, permite a inscrição de registros dentro de códigos culturais diversificados. O compromisso com a didática, como é comum nos materiais dessa ordem, aparece na tradução de expressões ou lugares próprios de Lyon. A explicação sobre a origem de certos termos regionais e a curiosidade referente a locais apresentados como típicos tornam os guias espécies de dicionários da cidade³. Mais que isso, fontes de inscrição de Lyon na cultura Européia através da gastronomia, das produções artísticas e artesanais e outros acervos da memória.

Ao lado dos guias e catálogos, as visitas e passeios com objetivos de “redescobrir o espaço de Lyon” constituem uma outra forma de apresentar a cidade, priorizando elementos considerados significativos de sua história através de práticas cotidianas de lazer e consumo.

Narrativas da descoberta

Um ponto turístico pode ser visto como a conjunção de elementos estéticos, apresentados como históricos, que tornam a cidade uma espécie de vitrine a céu aberto. Os rituais de visita representam a confirmação da importância dos lugares demarcados nos roteiros.

Com horários programados e recantos estrategicamente escolhidos por serem considerados representativos da cidade, os trajetos fluviais ao longo dos rios Rhône e Saône, acolhem turistas de diferentes localidades. A apresentação dos pontos turísticos é feita em duas línguas (inglês e francês) através de texto lido em microfone, chamando atenção para os monumentos, reformas e lugares considerados marcos da história da cidade. Existe o roteiro de ida e o de volta, incluindo paragens distintas de um mesmo trajeto. A narrativa consiste na enunciação da data de fundação de monumentos,

3. Ver, por exemplo, Neyret Régis, *Lugdunoscope*, le tour de Lyon em 80 chapitres, ELAH, 2000.

eventuais reformas, descrição de funções antigas e funções atuais, com referências feitas a arquitetos e gestores urbanos. Os monumentos mostrados, correspondentes aos ícones da história da cidade são de origem religiosa (igrejas), comercial (fábricas de seda) e políticos (monumentos e residências de personagens que ocuparam cargos importantes no governo).

A história da empresa marítima e a história dos rios fazem também parte da explanação oral. Atenção especial é dada ao momento em que se verifica o encontro dos rios, visível através de mudança nas cores da água. A cidade é apresentada em tempos históricos distintos: sua face antiga, Vieux Lyon, Croix Rousse e a feição moderna presente no bairro Gerland – a nova moradia de profissionais da burocracia com prédios e instalações de amplos espaços e jardins. As formas de lazer à beira do rio constituem expressões de investimentos fluviais antes voltados para transações comerciais. As demandas turísticas mais recentes contribuem para a “redescoberta” do rio e cercanias em seu potencial de pólo de lazer e moradia.

A presença dos rios e seu encontro são evocados como elemento fundamental da identidade de Lyon ao longo dos séculos, mesclando utilitarismo e celebração (Scherrer, 2004). São várias as travessias feitas em barcos que utilizam refeições como parte do passeio. As visitas também estão divididas entre noturnas e diurnas; dependendo do horário, a paisagem modifica-se por conta da iluminação da cidade. O percurso feito em barco produz, pela visualidade à distância, o efeito de uma espécie de quadro, cumprindo a narrativa a função de legenda.

A descrição segue também o ritmo da velocidade do barco. Muitas vezes a narradora apressava a descrição do roteiro para emprestar-lhe a *velocidade* necessária, coincidente com o momento em que o barco passava junto ao local a ser descrito.

Os rios são também apresentados de forma simbólica. O Rhône, de fato um rio caudaloso, que porta o gênero gramatical masculino (le Rhône) pela sua característica geográfica, é ressaltado na narrativa como sendo mais violento, provocador de enchentes. O rio Saône, pronunciado no feminino (la Saône) por ser na realidade um pequeno rio, figura na narrativa em sua expressão mais calma e metaforizada como feminina⁴.

Os passeios de barco, comuns em várias cidades européias banhadas por rios, objetivam realizar a mistura entre lazer e conhecimento, incitando o sentido da visão e da descoberta. A presença de estrangeiros confirma o fato de que os passeios de barco são a expressão mais evidente do turismo. Nesses trajetos fluviais observa-se o registro permanente de fotografias ou filmagens voltadas para a captura de imagens inusitadas.

4. Versões imaginárias que atribuem uma natureza masculina ou feminina a cidades ou localidades citadinas são comuns. Assim, destacam-se como exemplo a cidade de Fortaleza, dita como *a loura desposada do sol*, e Recife, a cidade mulher (Freire, 1968).

Um cisne pousado na água, por exemplo, realiza o sentido da junção perdida entre cidade e natureza, promovendo uma espécie de reencantamento (Cerclet, 2002). Os trajetos fluviais constituem também a afirmação de Lyon como a cidade da confluência de dois rios sem equivalente na Europa.

Outras formas de apresentar a cidade encontram-se em roteiros que privilegiam o reforço à cidadania e sentido de pertença dos moradores.

A Cidade para seus cidadãos

Além dos passeios designados especificamente para turistas, destacam-se empreendimentos organizados pela prefeitura, denominados *balades urbaines*, feitos para moradores de Lyon. O objetivo é o de “integrar o habitante à sua cidade”, tal como pode ser visto na seguinte chamada: “Durante o ano a cidade de Lyon propõe um passeio nos terceiros domingos de cada mês. Um outro olhar sobre seu espaço cotidiano para redescobrir a cidade sob um novo dia”.

A proposta mais recente de incentivar caminhadas em Lyon tem, nas políticas de preservação do patrimônio, o sentido de fazer com que a cidade seja reconhecida e valorizada por seus habitantes, incluindo atores políticos como conselhos de bairro. Segundo o diretor de serviço do patrimônio em Lyon, Bruno Delas, as visitas representam uma medida de *restituição da cidade aos habitantes*, sendo uma forma do morador *compreender a sua história*, envolvendo-se e comprometendo-se com esses rituais de visitação.

Os passeios, tendo programação patrocinada pela parceria entre Prefeitura, Ofício do Turismo, associações e entidades urbanas tinham como meta *pensar o patrimônio em sua dimensão interativa*, tal como expressou Delas em entrevista concedida à autora, em maio de 2003):

Lyon quer se dá a conhecer, mas em sua diversidade, mudando sua imagem e colocando-se no cômputo de outras grandes cidades européias. As narrativas não se separam desses interesses comerciais e políticos. Ampliar o turismo fora de Vieux Lyon e integrar os habitantes parece ser o desafio.

Os passeios em Lyon, realizados a cada terceira semana do mês, sinalizam o momento no qual a cidade *se donne a lire*, abrindo espaços para visitas. As temáticas enfocadas nas caminhadas eram as seguintes: a fronteira, o dentro e o fora, a água e a cidade. A programação intitulada “Além das fronteiras” trazia a seguinte chamada à reflexão:

“os contornos topográficos, administrativos e políticos coincidem? Quais as fronteiras mentais e identitárias”?

Segundo Delas, uma das características do patrimônio em cidades latino-americanas é a dificuldade de envolver os habitantes no processo de elaboração da memória. O entrevistado comentou o esvaziamento do Pelourinho em Salvador, exemplo da dificuldade de permanência dos habitantes no local a ser preservado. Segundo ele, a convenção que regulariza o tema do patrimônio mostra a responsabilidade das ações e os critérios de ordem ética e moral que não devem ser fundamentados apenas com base na antigüidade do local. Delas aponta a necessidade de renovação de uma *filosofia atualizada da cidade*, considerando que ela não é um museu, mas um ato de criação arquitetural. Na visão do chefe de serviço do patrimônio seria preciso também encontrar novas formas de uso para locais e equipamentos com antigas funções. Indaga concluindo seu depoimento, *como restaurar uma antiga igreja ou hospital que não tem mais a mesma utilidade do passado?*

Tanto o modo como a cidade se dá a conhecer como a maneira que ela se apresenta ao turista refletem formas contemporâneas de construção de narrativas. O princípio de redescoberta da cidade reforça os vínculos entre o passado e o presente, viabilizando a construção de outras narrativas.

Uma caminhada pelo bairro Vieux Lyon, exemplifica diferentes formas de apropriação da memória urbana que articula tempos sociais diversificados e investimentos de natureza econômica e política.

Caminhar por Vieux Lyon – A Cidade para outros

Vieux-Lyon é apresentado para o visitante como o bairro do renascimento – “o maior conjunto renascentista da França”, mencionado nos guias turísticos, após sua inscrição pela Unesco, em dezembro de 1998 como patrimônio mundial da humanidade. O centro histórico é assim apresentado para os visitantes:

Um passeio em Vieux-Lyon, através de vinte séculos de história. Da Roma antiga, partindo da Fourvière, ou bem do renascimento: com a antiga igreja de Saint Jean e Saint Just ou com as casas típicas de estilo italiano nas ruas do bairro... Tudo é bonito, tudo é para vir a contemplar, a admirar e sobretudo a visitar!”⁵.

5. Ver site <http://www.VieuxLyon.com>.

No contexto das formas discursivas de apresentação da cidade, o bairro eleito como patrimônio histórico, apresenta uma espécie de condensação de atributos significativos da cultura lionesa: “le plus beau quartier Renaissance de France”. A antigüidade e os vários estratos temporais diversificados fornecem os conteúdos de uma espécie de síntese cultural e histórica.

Do ponto de vista geográfico, obtém-se o acesso ao bairro após a travessia da ponte do rio Saône, momento em que pode ser vislumbrada uma das partes mais antigas e bem conservadas da cidade. O passado parece renovar-se através do processo recente de *requalificação*, também designado pelos estudiosos do urbanismo de *gentrificação*, exemplificado pela presença de bares, locais de comércio, museus e livrarias. As ruas tortuosas são ladeadas por uso múltiplo do espaço, destacando-se também moradias e lojas de antigüidade. As modificações feitas no bairro ocorrem em diferentes momentos. Desde 1970, transforma-se seu estatuto inicial de local habitado por velhos, pobres e emigrados. Hoje ele é ocupado por jovens e abriga 10% de migrantes, além de proprietários. Existe 17% de habitação social pertencente à associação de alojamento social HLM que permite a subvenção de moradia para pessoas carentes. A idéia da instituição é a de impedir a segregação, incitando a mistura de pessoas de níveis econômicos diferentes⁶.

O circuito de preservação do bairro responde ao novo sentido de apresentação do patrimônio baseado na reutilização, em contraponto a perspectiva de conservação museal. Trata-se, no entanto, de intervenções de natureza ambígua, agregando “obras que propiciam saber e prazer postas a disposição de todos; mas também produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos” (Choay, 2001:211).

O bairro, tombado como patrimônio pela Unesco, preserva fachadas de antigos prédios e corredores (traboules), passagens de uma rua a outra, ou de um prédio a outro, hoje indicadas como lugar de visitaçào. As igrejas Saint Jean, Saint George, Saint Just, além da basílica Fourvière, são referências fundamentais sugeridas em guias turísticos, sendo esta última situada no alto da colina, visível à longa distancia. À noite sua iluminação destaca-se do conjunto, dando a visão do bairro como parte emblemática da cidade.

As igrejas lembram também o passado religioso de Lyon, sob a influencia do catolicismo que teve papel relevante na fundação da cidade. Hoje, na condição de expressão memorial da cidade, as igrejas são ponto de referência das visitaçõe. É comum, por exemplo, encontrar grupos

6. Essas informações foram obtidas através de entrevista realizada com Régis Neyret, durante a pesquisa realizada em Lyon em maio de 2003.

de turistas acompanhados por guias profissionais que explicam as características arquiteturais presentes na história de fundação das igrejas. Dentro desses estabelecimentos religiosos encontram-se também pequenos comércios de cartões postais contendo fotos de altares, cúpulas e santos, além de folhetos turísticos e *souvenirs* da cidade.

O comércio constitui um outro ponto característico do bairro Vieux Lyon. Tudo se passa como se o bairro fosse a síntese da história da cidade, agregando seu passado e seus emblemas mais significativos. O comércio expressa os principais ícones da cidade: as sedas, as lojas com o boneco Guignol e as livrarias com edições que ressaltam a peculiar culinária de Lyon. Nesse sentido o bairro abriga a representação da *cidade para outros*, sendo os restaurantes um lugar de apresentação do que é considerado próprio da cultura local. É comum, por exemplo, observar à entrada de restaurantes faixas com propagandas de cardápios com apelos à degustação de uma “autêntica comida *lyonnaise*”.

A chamada *requalificação* aponta situações de busca de afirmação do bairro através das artes, da literatura e da produção artesanal, constituindo uma estética da apresentação voltada para um desejo de singularidade, segundo os padrões atuais de consumo e produção globalizada de bens culturais. No presente contexto, a história e o comércio parecem caminhar de modo uniforme, reforçando padrões estereotipados de narrar a cidade. A culinária os objetos religiosos, os livros, as roupas e demais artesanatos unificam-se fazendo parte do que pode ser designado como “antigüidade”.

A transformação do bairro em patrimônio é fruto de um processo longo de intervenções com participação de comerciantes, associações e dirigentes políticos. O depoimento de um dos responsáveis pela transformação do bairro em local de patrimônio mundial é significativo:

Lyon era uma cidade caracterizada pelo turismo industrial. As pessoas vinham para cá resolver negócios somente durante a semana. E só recentemente que a cidade passa a constituir-se em local de visitação por conta do turismo. Nos últimos 10 anos, o turismo começou a emergir mais fortemente e, em 1998, o governo de Lyon propôs a candidatura da cidade à condição de patrimônio mundial. Até então ninguém sabia que Lyon ocupava um lugar centralizado em relação a outras regiões da França. Nesse momento, a *Association Renaissance du Vieux Lyon* desempenha um papel de dinamização do processo. Era uma associação local que também contou nesse momento com a colaboração da *Jeune Chambre Economique* de Lyon formada por comerciantes. (Entrevista concedida à autora em maio de 2003)

A participação de vários atores nesse processo de construção do patrimônio demonstra a conjugação de interesses econômicos e políticos envolvidos. A idéia era a de impedir a destruição do lugar que tinha imóveis em estado de má conservação. A valorização comercial e o investimento turístico viabilizam essa estética, recuperando habitações capazes de permitir a permanência de antigos moradores.

Na realidade, a instituição da cidade como lugar de visitação turística responde a investimentos mais recentes baseados na valorização de manifestações culturais e artísticas. O incentivo a festas populares (festa do dia 8 de dezembro) e o reforço a expressões culturais diversificadas correspondem ao que poderia ser denominado de “invenção das tradições”, no sentido dado por Hobsbawm. Invenção que se faz acompanhar de outras formas inusitadas de narrar a cidade.

Os passeios baseados em roteiros insólitos instituem outras narrativas que buscam apresentar a *cidade esquecida* através dos locais que não se visitam.

Narrativas insólitas

Embora a existência de narradores que apresentam a turistas a história de cidades seja comum em vários contextos europeus, Jean Luc Chavent tem uma forma especial de exercer sua profissão. O autor de guias turísticos⁷ tem qualidades que o distinguem dos demais profissionais. Entre elas, destaca-se o cultivo do humor que se destaca na apresentação de recantos da cidade não contidos em roteiros convencionais. O “guia de grandes bigodes”, expressão que ele próprio utiliza para ser reconhecido no primeiro encontro, cultua sua imagem de narrador singular, contador de fatos curiosos. Semelhante ao ator de teatro, Chavent exerce a arte de contar, prendendo a atenção do público através da explanação de histórias inusitadas, por vezes inspiradas em narrativas populares acrescidas de teor pessoal imaginativo. Opondo-se ou ignorando fatos da história oficial, o profissional do turismo insólito afirma não se reportar a datas ou fatos reconhecidos como verdadeiros.

Chavent valoriza acontecimentos inusitados, aparentemente banais, freqüentemente evocados através da expressão “dizem” – pronunciada de forma irônica – visando aparentar descompromisso com a verdade da versão transmitida ao público ouvinte.

A narrativa do Chavent, recheada de técnicas usualmente presentes em histórias infantis, pela tônica do suspense e do inusitado, pretende

7. Ver, por exemplo, Chavent Jean Luc e Neyret Régis, *Lyon Méconnu*, trois vols., Editions Lyonnaises d'art et d'histoire, Lyon, 1998.

expor lugares e cenários cujos detalhes são comumente ignorados. Aliás, a marca principal de Chavent, é apresentar ao turista uma espécie de cidade ao avesso presente em subterrâneos, cúpulas de igreja e passagens secretas aberta com molho de chaves que imprimem a raridade dos acessos. Uma rápida explanação de roteiro percorrido por um conjunto de turistas ilustra bem o sentido dessa forma de mostrar a cidade.

Sábado, 15 de maio de 2003, o grupo seguiu o caminho de apresentação do bairro Croix Rousse, a partir do ponto de encontro feito na praça de mesmo nome. A maioria das pessoas, na faixa de 60 a 70 anos, seguia o percurso a pé, detendo-se em locais escolhidos como referências para o desenrolar de narrativas. Na primeira parada, Chavent deteve-se para falar da estátua do idealizador de uma forma de produção da seda, só posteriormente aplicada por industriais e copiada por japoneses. Chavent ironizava a pífia homenagem feita ao produtor pioneiro, através de uma estátua na praça, em contraste com o descaso feito à sua tumba, segundo ele, “até hoje abandonada e sem a devida reverência”. Outro fato pitoresco: a produção, no bairro, de frutas frescas havia provocado na burguesia a vontade de consumi-las. Como os abastados não faziam diretamente as compras nem freqüentavam o bairro operário mandavam as domésticas realizar esta tarefa.

Mais adiante, em outro momento de interrupção do percurso, o guia referia-se às diversas origens da cruz que havia dado nome ao bairro. Inicialmente era uma construção de madeira e posteriormente foi apropriada pela igreja como símbolo religioso. Vários políticos tentaram capitalizar o símbolo e, entre eles, havia um com face grande e larga que escondia em sua boca uma cruz, só descoberta após a sua morte.

As histórias misturavam fatos conhecidos com narrativas populares e versões construídas pelo guia, fazendo o público rir. Na realidade, a ironia continha um teor crítico às versões da história oficial, substituídas na narrativa pela valorização da cultura operária do bairro. A crítica aos “poderosos” aparecia de forma sutil ou mais explícita nas diferentes descrições dos monumentos ou recantos escolhidos.

Outra parada apresentou uma igreja que havia sido sujeita a inúmeras reformas, tendo em vista conter as enchentes do rio. Nas escavações apareciam descobertas e mistérios que Chavent buscava comprovar com ajuda de fotos de grandes pedras e outras figuras misteriosas.

O trajeto foi percorrido com paradas e entradas em atalhos (traboules), cenários os quais segundo as informações de Chavent, eram dotados de atribuições singulares feitas por construtores com variações de gravidade ou sons inusitados.

As grandes escadarias e as passagens feita sem elevadores apresentavam o uso exemplar da colina feita de diferentes entradas que

permitiam aos moradores acederem ao local de moradia por caminhos inusitados.

A última parada aconteceu na praça Terreaux. Em lugar de referir-se aos prédios como Hotel de Ville e Opera, usualmente percebidos como pontos turísticos de significação histórica, o narrador referiu-se a fatos inusitados sobre o passado traumático de praça de execução, razão pela qual, sediava inúmeros negócios mal-sucedidos. Lojas e empreendimentos significativos estiveram envolvidos em circunstâncias permanentes de falência.

Outros pontos dotados de sentido esotérico aparecem fortemente no roteiro turístico de Chavent. Durante a visita feita aos traboules, por exemplo, foi aberta uma outra porta cujas inscrições em placa na entrada referia-se à existência de uma seita. O ambiente escuro apresentava um corredor ladeado por mesas, máscaras e imagens. No final do ambiente havia uma espécie de altar com imagens gravadas em uma pedra, simulação alusiva, na narrativa do guia, à presença de forças malignas. Uma tumba feita de papel criava o cenário feito para causar medo aos participantes. A “pedra” havia sido carregada à força por um homem como imposição de castigo provocando nas pessoas que na época assistiam a cena uma situação de horror, aumentada sobretudo pelo o ar de sofrimento do portador. Ao final, sob o acender das luzes, percebia-se a simulação e o recurso à fantasia. As histórias contadas no local tinham teor fantástico e reproduziam a idéia da visita insólita feita para ativar as fantasias e construir as diferenças de um roteiro comum.

A ida ao cemitério representava outro momento de incitamento à curiosidade e reforço ao esoterismo. A tumba do Mage Philippe no cemitério de Loyasse apresentava inscrições de graças alcançadas e flores postas em reconhecimento aquele que era considerado salvador de doenças, com testemunhos de cura inscritos em placas. O clima de estranhamento e “sensação de algo diferente” era descrito pelo guia em referência às inúmeras visitas feitas ao local. Ele próprio já havia sentido “impressões estranhas” – declarava. Ao término da viagem insólita, o guia comentava o fato de que agora ficava claro sua proposta de visita diferente das formas convencionais de conhecimento da cidade.

A perspectiva de construção singular da narrativa de Chavent passa a compor uma espécie de turismo alternativo destinado a grupos específicos que valorizam a prática de relatos inusitados. Circunscreve-se também à memória mítica da cidade, conforme pode ser vista em um dos guias contendo roteiro de fatos e locais de apresentação da cidade: “La géographie urbaine de Lyon, avec ses constructions šerrées, ses traboules, ses souterrains, son confluent, son Vieux Lyon et sa Croix-Rousse labyrinthique, inspire les chantré de la magie, au même titre que Prague et

que Londres, avec lesquels Lyon formait um “triangle sacré” (Lungdunscope, p. 182).

Em certo sentido, a explanação opõe-se ao convencional sem abdicar dos investimentos turísticos e das várias formas de apropriação e construção de narrativas. Essa é a questão tratada a seguir.

O que dizem as narrativas

Mais que simplesmente apresentar a cidade, as narrativas constituem modos de afirmação de sua imagem, atuando, nesse sentido, como um dos espaços de construção e revalidação do que poderia ser designado de patrimônio cultural.

As narrativas integram o cotidiano dos moradores e turistas através de rituais que se reproduzem em práticas de visitação. Ao mesmo tempo, os usos da cidade, colaboram para a construção de narrativas (Certeau, 2004). Assim como os guias definem o circuito das visitas, também os visitantes, na condição de turistas, confirmam a legitimidade dos espaços a serem percorridos. A oferta e procura de bens simbólicos equilibram-se na relação que se estabelece entre guias e consumidores. Por esse motivo, em algumas situações as narrativas são feitas para suscitar curiosidade, trazendo apelos ao *singular*, ao *único* e ao *memorável*.

As formas de apresentação da cidade expressam memórias múltiplas construídas ao longo do tempo. Memórias que não se separam do consumo visto que é através dele que o passado adquire sentido⁸.

Se as narrativas turísticas podem ser vistas como instâncias de reprodução de ícones que fazem “a história da cidade” é importante ressaltar que os conflitos simbólicos e os processos que presidem as escolhas e as arbitrariedades presentes nos roteiros de visitação são omitidos. Os guias e os rituais de apresentação da cidade contribuem para a construção de sua “memória” elegendando referências consideradas típicas da cidade. As apropriações do passado em Lyon são inúmeras. Ao momento glorioso do renascimento opõe-se o passado das greves e o do movimento dos operários da seda presente no bairro Croix Rousse. O passado da resistência vai estar também sinalizado no museu da deportação. O museu aberto Tony Guarnier faz lembrar o momento pós-primeira guerra mundial, com evocações a moradias amplas e higiênicas dotadas de uma estética baseada na funcionalidade.

8. Uma discussão sobre a relação entre memória e guias turísticos pode ser encontrada em Barreira (2005), Os guias turísticos em Berlim, *Revista Tempo Social*, vol. 17 número 1.

O importante no entanto não é só perceber a cidade como suporte plural de muitas imagens. As memórias são também evocações ao esquecimento. Chavenon (2004), reconhecendo as alusões freqüentes ao passado vigentes na sociedade contemporânea, afirma o quanto a presença de populações estrangeiras atraídas pela expansão industrial em Lyon, nos anos 30 (italianos e espanhóis), é pouco anunciada. Há, portanto, no capítulo da memória, uma disputa pelo aparecimento de situações e uma *floresta de amnésias* que fazem prevalecer o contexto das evocações legitimadas. Os jogos de reconhecimento instituídos pela Unesco adquirem nesse sentido, papel relevante. Adverte o autor dos perigos da memória asfixiante povoada por imposições e esquecimentos. Essa discussão introduz o tema das estratégias políticas de rememoração associadas à presença mais ou menos explícitas de conflitos simbólicos.

A memória evocada efetiva-se também através de ícones que são permanentemente reproduzidos nos guias turísticos. Destacam-se, nesse sentido, a gastronomia, o boneco guignol, o cinema, as pinturas feitas no muro e tudo aquilo que é evocado como espaço de singularidade de Lyon.

Os guias turísticos, enquanto expressão autorizada da *história da cidade*, contribuem para a formação de sua imagem, repondo parte da experiência oral dos contos e reforçando a invenção permanente de tradições (Hobsbawm). As narrativas da cidade são, nesse sentido, construídas através de investimentos materiais e simbólicos efetivados por profissionais do urbanismo e do patrimônio que colaboram para definir sentidos da memória e de atualização histórica.

As visitas previstas e aconselhadas nos roteiros oficiais de visitação possibilitam, por outro lado, não obstante o sentido de direção presentes nos guias, a vigência de um novo texto urbano em aberto, na medida em que o visitante entra também no transcurso de uma intertextualidade, colaborando na perpetuação de narrativas e rituais. Voltando ao seu lugar de origem tornar-se-á também narrador de sua experiência. Um narrador diferente daquele preconizado por Benjamin, porque na condição de turista já seguiu os roteiros da cidade baseando-se nos registros rápidos, efêmeros e massivos da sociabilidade moderna (Simmel).

O conjunto de percepções e práticas que traduzem as formas de conhecimento e vivência na cidade efetiva-se sob a forma de rituais. Trata-se da reiteração de símbolos da cidade e da forma como através das visitas eles são sentidos como partes de sua história. Os rituais confirmam assim as narrativas da cidade pela sincronia entre guias, visitas e empreendimentos turísticos. O circuito da narrativa segue o roteiro da caminhada, com paradas que didaticamente confirmam a

importância do monumento: as igrejas, as ruínas, as esculturas. Essa natureza didática repõe para o visitante o sentido de sua visita, construindo a idéia de originalidade e curiosidade. Diferente dos rituais de cerimônias políticas, através dos quais afirmam-se princípios de autoridade e civismo, os modos urbanos de apresentação da cidade aproximam-se dos ritos festivos pela incitação à quebra do cotidiano. Estabelecem uma linha limite entre a ordem normativa dos roteiros e o lazer descompromissado – o visitante já realizou inclusive sua ruptura com o cotidiano ao distanciar-se do lugar de origem.

A proliferação de narrativas responde mais recentemente ao fluxo de visitantes e intercâmbios promotores de apresentação de imagens para consumo. A valorização da *originalidade* e *autenticidade* ensejam uma espécie de busca das origens. Ou seja, os investimentos turísticos são indutores das formas modernas de narrativa através das quais são criadas pontes de ligação entre passado e presente.

O complexo de narrativas junta-se a estoques culturais que são redefinidos e reelaborados no curso de múltiplos interesses alusivos a dinâmicas que se cruzam na ligação entre memória, discurso e consumo. Cabe ao investigador ultrapassar as oposições entre autenticidade e invenção presente em uma visão essencialista da cultura. Paraphraseando Calvino poderia ser dito que as narrativas são formas de viver e apresentar a cidade, induzindo não só pontes para os sonhos, mas travessias para o conhecimento sociológico.

Anexos

Bruno Delas (Chargé de Mission de Patrimoine)

O importante no caso de Lyon não é só valorizar o Vieux Lyon, mas perceber outros locais da cidade. Em Lyon prioriza-se a gastronomia, as igrejas. É preciso mostrar a Croix Rousse, o museu Toni Garnier onde existe a filosofia da cidade ideal. É importante também chamar atenção para a diversidade. Em Vieux Lyon existe o conflito com velhos moradores por causa do barulho. Na medida em que não exista a concentração de turismo mas a diversidade de locais isso pode ser melhorado. É possível haver uma troca entre habitantes e turistas. O turismo cultural deve estar acompanhado de um plano de orientação de locais de apoio como sanitários e difusão de diversas possibilidades para evitar o engarrafamento. No que se refere a Lyon é importante promover a solidariedade com outras cidades através da troca de experiências. É possível contar com ajuda do Banco Mundial. É importante ter um projeto transversal, encontrando parcerias. Em Benan

existe um projeto de restauração. Do ponto de vista de uma política do patrimônio e importante manter autonomia. Meu papel não é o de conduzir a política mas de fazê-la emergir. Fazer emergir equipes e projetos. Em Lyon dez por cento da cidade pertence ao patrimônio incluem-se a Croix Rousse, o bairro Vieux Lyon, a colina Fourviere e a Presque-île. O marketing não deve conduzir a uma concorrência entre cidades. Em Lyon pode ser enfatizado a cor, noite e dia, oferta cultural, passeios e história (Cannuts). O problema é que cultura e turismo não sabem dialogar. São dois mundos opostos. É difícil manter uma política de turismo porque existem vários tipos de turismo. O individual e o feito em grupo. É importante fazer o consumidor. Como impedir que o turista troque o shopping por outras formas de consumo? A respeito de intervenção na escola acho importante mas é difícil. Penso que os passeios na cidade e o envolvimento da população são pontos importantes para se pensar uma política a longo prazo que alie autenticidade e nível cultural. É preciso oferecer ao turista as condições de estadia. Em Lyon não há a tradição de turismo, a cidade é mais conhecida como local de turismo de negócios ou congressos. Nesse sentido somos mal estruturados. (Depoimento concedido à autora em maio de 2003)

Descrição de uma visita insólita

Um anúncio, posto na porta da Basilique de Fourvière, apresenta convite para realização de uma visita insólita a ser feita em locais pouco citados, ou mesmo ignorados nos guias turísticos. O responsável pela visita, Jean Luc Chavent, logo de início avisou-me ser o responsável pela criação dessa forma rara de apresentação de Lyon.

Após abrir a porta lateral da Igreja com grande chave, eu e o guia acessamos o interior da igreja, percorrendo diferentes recintos não abertos ao público. O guia a cada momento explicava e mostrava as visões que se tinha em diferentes alturas de longas escadarias. Portas eram abertas, dando acesso a salas que circundavam os degraus. A primeira parada, feita na escadaria, permitia a visão do altar central e dos enormes pilastres que circundavam as imagens. Uma das salas tinha, na versão de Chavent, a peculiaridade do eco de um som planejado por um arquiteto, há cem anos, momento em que a inexistência de aparelhos eletrônicos demandava recursos dessa ordem. A idéia do arquiteto, segundo o narrador, era a de prestar uma importante homenagem à virgem, criando a catedral mais bela do mundo, em estilo barroco.

Inúmeras escadas conduziam até altas torres, nas quais observava-se a visão panorâmica da cidade. Outras portas situadas nas torres davam acesso aos subterrâneos das cúpulas. Na entrada de recintos viam-se locais apresentados como secretos, com espaços destinados a restauração e manutenção. A enorme escultura da virgem, a partir desses acessos inusitados, deixava evidente o planejamento arquitetônico. De perto, a imagem dourada tinha mãos enormes.

O percurso pelos interiores da igreja era acompanhado de histórias sobre a possibilidade de exploração de recantos ignorados por visitantes comuns. A visita insólita baseava-se na vista de subterrâneos das escadas, com ângulos e detalhes a partir dos quais o narrador inseria sua forma peculiar de mostrar a igreja.

A passagem de um patamar a outro, através de portas, mostrava o caminho peculiar do guia, na função de conhecedor e único portador dos acessos a ele confiado na entrega das chaves. A alusão ao fato de que os outros visitantes haviam se retirado do local, tornava a singularidade do conhecimento uma evidência por ele constatada: “todos se retiraram e ninguém conhece essa parte da Igreja”. Após a visita à Igreja, fizemos um percurso de volta, a pé, até Vieux Lyon. No caminho foram mostradas algumas imagens de santos com referências feitas à peregrinação marcadas por paradas registradas, com santos ou placas colocadas no solo indicando os momentos do percurso. Ao longo do caminho, uma porta de ferro sinalizando perigo anunciava os subterrâneos da igreja. Uma alusão à presença de água, segundo Chavent, suficiente para um passeio de barco, era demonstrada pelo barulho de cascata, sem o recurso da visibilidade. Nesse momento, Chavent mostrava fotos de objetos encontrados nas escavações. Uma grande pedra encontrada por ocasião da edificação da igreja, “sem explicação racional”, sugeria mistérios nos subterrâneos.

O final do percurso desembocou em Vieux Lyon, no quarteirão St. Paul, situado em local caracterizado pela presença de muitos restaurantes. Antes da chegada, a passagem por um corredor, fechado à chave, além do interdito de um código, mostrava as formas antigas de residência, com acessos limitados. A antiguidade das edificações aparecia na arquitetura e no material de construções feitas de pedras. O teto enfeitado com arcos justificava o desejo de ostentação dos investidores italianos em séculos passados.

Os interiores de recintos testemunhavam a antiguidade. Um restaurante com imagem medieval, pouco iluminado e com recanto ao fundo, imitando uma gruta, finalizava a apresentação histórica do bairro. O pedido de licença para que uma brasileira pudesse entrar no recinto emprestava à visita o sentido insólito do roteiro turístico.

A Construção do patrimônio em Lyon segundo narrativa de Regis Neyret (Presidente da Association Renaissance de Vieux Lyon)

Lyon era uma cidade caracterizada pelo turismo industrial. Muitas pessoas vinham para cá resolver negócios durante a semana. E só recentemente é que a cidade passa a constituir-se em local de visitação. Nos últimos 10 anos o turismo começou a emergir mais fortemente. Em 1995 temos o primeiro prefeito com projeção internacional. Raymond Barre, que foi deputado em Lyon e primeiro ministro em 1979. Foi prefeito no período 1995-2001. Em 1998, o governo de Lyon propôs a candidatura da cidade à condição de patrimônio mundial. Até então ninguém sabia que Lyon ocupava um lugar centralizado em relação a outras regiões da França. Havia uma proposta de construir uma grande avenida capaz de atravessar o bairro. Nesse momento a Association Renaissance de Vieux Lyon desempenha um papel de dinamização do processo de instituição do patrimônio. Esta associação também contou nesse momento com a colaboração da Jeune Chambre Economique de Lyon, formada por comerciantes. A idéia era a de impedir a destruição do lugar que tinha imóveis em estado de má conservação. O ministro André Malraux já havia em 1962 votado uma lei francesa denominada “le secteur sauvegarder”, através da qual o estado decidia que bairro deveria ser considerado histórico.

Vieux Lyon torna-se o primeiro lugar beneficiado por esta lei que permitiu a retirada do projeto sobre a construção do Boulevard.

Após a ação da Unesco, o turismo passou a desenvolver-se mais fortemente. Nesse sentido houve aumento de número de hotéis. Esse fato também criou o turismo concentrado no bairro, havendo pouca exploração no restante de Lyon. A título de exemplo, o Hotel de Ville é fechado ao público. Essa é a minha batalha. Existe outros locais importantes como la Place de Terraux, Opera etc que precisam também ser incorporados à idéia de turismo. Começa também a acontecer o turismo fluvial.

O dossiê Unesco foi elaborado pelo arquiteto do monumento histórico e por mim, Presidente do Renaissance de Vieux Lyon, incorporando Denis Eyrand como presidente do patrimônio Rhonealpino. A Unesco buscava nesse momento temas de interesse universal e exemplar. O problema era o de encontrar o argumento da excepcionalidade. Ele foi justificado pelo fato de que depois de 2000, a cidade de Lyon se desenvolveu no mesmo lugar, nos 105 hectares que conservava as mesmas características. Era possível encontrar, para cada época histórica, um monumento correspon-

dente. Desde 43 anos a.C., a cidade de Lyon se desenvolvia no mesmo lugar, guardando os elementos de cada época. Os especialistas concluíram que isso era original pela manutenção de traços de cada época. Os exemplos referem-se ao teatro romano, à catedral do renascimento e idade média e residências antigas com construção barroca do século XVII. O novo era então o museu vivo com misturas arquitetônicas. Isso compara-se à vila do porto em Portugal, sob essa dimensão de vida permanente. O arquivo era composto de cartas geográficas, fotos, questões jurídicas e depoimentos de moradores. Após a aprovação da Unesco o ofício de turismo passou a ter um papel relevante. (Depoimento concedido à autora em maio de 2003).

Bibliografia

- BARREIRA, Irllys. Os guias turísticos em Berlim. In: *Revista Tempo Social*, V. 17, nº 1, São Paulo, 2005.
- CERCLET, Denis. O turismo cultural para reencantar o mundo. In: *Revista de Ciências Sociais da UFC*, V. 33, nº 2, Fortaleza, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CHAVENON, Olivier. Entrevista publicada em *Les cahiers millenaires 3*, Memoires et Identités de l'Agglomeration Lyonnaise, site <http://www.Millenaire3.com>, 2004.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). *O Olhar do viajante, dos navegadores aos exploradores*. Coimbra: Almedina, 2003.
- FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental de Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- DECOURT, Nadine. "Le conte ou l'école de la diversité", *Nouvelle Revue Pédagogique*, 1, NATHAN, septembre 2003.
- FORTUNA, Carlos e PEIXOTO, Paulo. A recriação e reprodução de representações no processo de transformação das paisagens urbanas de algumas cidades portuguesas. In: FORTUNA Carlos e PEIXOTO Paulo (orgs). *Projeto e Circunstância, culturas urbanas em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.
- HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- NEYRET Régis. *Lugdunoscope, le tour de Lyon em 80 chapitres*. ELAH, 2000.
- SCHERRER, Franck. L'ambivalence de la relation entre Lyon et ses fleuves: ressource ou ressources? In: *Millenaires 3*, op. Cit, 2004.

- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Octávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. A Ruína. In: SOUZA Jessé e OELZE Berthold. *Simmel e a Modernidade*. Brasília: Editora da UnB, 1998.